

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ  
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

FILIFE BERNARDO DIAS DE MELO

ARQUITETURA EFÊMERA

RECIFE

2019

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ  
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Filipe Bernardo Dias de Melo

**ARQUITETURA EFÊMERA**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado como exigência parcial para  
graduação no curso de Arquitetura e  
Urbanismo, sob a orientação do Prof. Me.  
Ricardo Javier Bonilla

RECIFE

2019

Catálogo na fonte  
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

M528a Melo, Filipe Bernardo Dias de.  
Arquitetura efêmera / Filipe Bernardo Dias de Melo. - Recife,  
2019.  
66 f.: il. col.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Ms. Ricardo Javier Bonilla.  
Trabalho de conclusão de curso (Monografia – Arquitetura e  
Urbanismo) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2019.  
Inclui bibliografia

1. Arquitetura. 2. Efemeridade. 3. Tipologia arquitetônica. 4.  
Desvalorização da arquitetura. I. Bonilla, Ricardo Javier. II. Faculdade  
Damas da Instrução Cristã. III. Título

72 CDU (22. ed.)

FADIC (2019.1-240)

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ  
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Filipe Bernardo Dias de Melo

**ARQUITETURA EFÊMERA**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação do Prof. Me. Ricardo Javier Bonilla

Aprovado em junho de 2019

**BANCA EXAMINADORA**

---

Roberto Sarmiento da Silveira Júnior, Prof., Me., ESUDA  
Examinador externo

---

Maria Luiza de Lavor, Prof.<sup>a</sup>, Me, FADIC  
Examinadora interna

---

Ricardo Javier Bonilla, Prof.<sup>a</sup>, Me., FADIC  
Orientador

RECIFE

2019

Dedico este trabalho a minha mãe  
Marleide Bernardo Dias de Melo, pelo  
amor incondicional. Pelo auxílio, paciência  
e companhia por toda a caminhada

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a deus pelo dom da vida e por ter proporcionado chegar até aqui. A minha mãe que sempre me incentivou, me deu força e se sacrificou bastante para que chegasse até aqui. A minha namorada que sempre esteve presente comigo, me apoiando nos momentos mais difíceis. A minha família por toda dedicação e paciência, contribuindo para que eu pudesse ter um caminho mais leve e prazeroso durante todos esses anos.

Agradeço aos professores que sempre estiveram dispostos a ajudar e contribuir para um melhor aprendizado em especial meu professor orientador Ricardo Javier Bonilla que me deu todo suporte necessário para a conclusão do trabalho. Agradeço também a minha instituição por ter me dado a chance e todas as ferramentas que permitiram chegar hoje ao final desse ciclo de maneira satisfatória.

Projetar uma arquitetura efêmera não é apenas desenhar algo temporário. Significa contar uma história, levar adiante um conceito abstrato, criar experiências por meio de aspectos construtivos e comunicação. E os projetos devem ser muito bem-pensados para gerar impacto no pouco de tempo que permanecerão disponíveis.

Autor desconhecido

## RESUMO

A arquitetura enquanto criação de espaços, atrelada ao conceito de efemeridade existente na filosofia, leva a uma discussão a respeito de construções com um tempo de existência pré-determinado e com isso uma nova tipologia arquitetônica, chamada de arquitetura efêmera. Porém, para tal definição leva-se em consideração um estudo conceitual sobre ambos os tópicos primordiais para assim, ter-se um parâmetro de caracterização desta tipologia, na intenção de definir o que é ou não uma arquitetura efêmera. Através de exemplares históricos de construções e estudos especializados, teve-se critérios utilizados para compreensão de existência deste tipo de arquitetura, sem, todavia, uma dedução hipotética afirmativa, já que os parâmetros utilizados não foram suficientemente claros para tal. Esta falta de critérios atrelada a uma demanda mercadológica atualmente não valorizável, leva a concluir na existência de uma arquitetura efêmera, mas sem um reconhecimento por parte da sociedade usual deste tipo de construção.

**Palavras chaves:** Efemeridade. Arquitetura efêmera. Tipologia arquitetônica. Desvalorização da arquitetura.

## **ABSTRACT**

Architecture as creation of spaces, coupled with the concept of ephemerality existing in philosophy, leads to a discussion about constructions with a pre-determined time of existence and with it a new architectural typology, called ephemeral architecture. However, for such a definition, a conceptual study on both primordial topics is taken into account in order to characterize this typology, in order to define what is or is not an ephemeral architecture. Through historical examples of constructions and specialized studies, criteria were used to understand the existence of this type of architecture, without, however, an affirmative hypothetical deduction, since the parameters used were not sufficiently clear for such. This lack of criteria coupled with a market demand currently not valorizable, leads to conclude in the existence of an ephemeral architecture, but without a recognition by the usual society of this type of construction.

**Keywords:** Efemeridade. Ephemeral architecture. Architectural typology. Devaluation of the architecture.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Catedral da Nova Zelândia.....	18
Figura 2 – Catedral da Nova Zelândia.....	18
Figura 3 – Pavilhão de Oscar Niemayer no Serpentine Gallery.....	21
Figura 4 – Pirâmides .....	22
Figura 5 – Mesquita Islâmica em Jerusalém .....	22
Figura 6 – Barraca .....	23
Figura 7 – As primeiras civilizações .....	24
Figura 8 – Civilizações no Rio Nilo.....	25
Figura 9 – Palácio de Cristal em Londres, 1851.....	27
Figura 10 – Palácio de Cristal em Sydenham-1854. ....	27
Figura 11 – Inauguração da Torre Eiffel.....	28
Figura 12 – Torre Eiffel .....	28
Figura 13 – Pavilhão brasileiro .....	29
Figura 14 - Centre Pompidou-Metz, na França, de 2010.....	29
Figura 15 – Empreendimento Even Duo Pinheiros.....	31
Figura 16 – Street - stand de vendas .....	31
Figura 17 – Stand Moinho Ventos .....	32
Figura 18 – Painel de LED .....	33
Figura 19 – Quiosque de vendas Plaenge .....	34
Figura 20 – Quiosques Unicorner.....	34
Figura 21 – Caminhão da Mamografia .....	35
Figura 22 – Food Truck.....	35
Figura 23 – Stand Feira Oracle .....	36
Figura 24 – Stand Feira FEICON .....	36
Figura 25 – Stands para feiras e eventos.....	37
Figura 26 - Cidade do Rock .....	38
Figura 27 - Cidade do Rock .....	38
Figura 28 - Rock in Rio, 2017.....	38
Figura 29 – Castelo de Butrón, Espanha.....	39
Figura 30 – Museu da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência.....	40
Figura 31 – Arquitetura Promocional: Retail Design – Calçados .....	42
Figura 32 – Arquitetura Promocional: Retail Design.....	43

Figura 33 – Ciclo de vida de uma edificação, no contexto do projeto para a sustentabilidade. ....	44
Figura 34 – Estoque de materiais reaproveitáveis.....	45
Figura 35 – Estoque de materiais reaproveitáveis.....	45
Figura 36 – Estoque de materiais reaproveitáveis.....	45
Figura 37 – Tendas de vendas.....	46
Figura 38 – Tendas de vendas.....	46
Figura 39 – Tendas de vendas.....	46
Figura 40 – Montagem Estande de vendas.....	47
Figura 41 – Montagem Estande de vendas.....	47
Figura 42 – Estande de vendas Unilever.....	47
Figura 43 – Estande de vendas Unilever.....	47
Figura 44 - Escola Rio 2016.....	48
Figura 45 - Arena do Futuro .....	48
Figura 47 – Mostra RioMar Casa 2019.....	49
Figura 48 – Mostra RioMar Casa 2019.....	49
Figura 49 – Mostra RioMar Casa 2019.....	50

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – O que melhor define a arquitetura para você? .....	51
Gráfico 2 – O que você considera arquitetura? .....	52
Gráfico 3 – Para você, qual a função de um arquiteto? .....	53
Gráfico 4 – Você considera um parque infantil no shopping com duração de 30 dias um tipo de arquitetura ou apenas um evento? .....	53
Gráfico 5 – Uma edificação de material menos duradouro, como papelão ou chapas de compensado, pode ser considerada Arquitetura? .....	54
Gráfico 6 – Que parâmetro, abaixo descrito, você acha mais importante para definir uma obra como sendo Arquitetura efêmera (passageira)? .....	54

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. CONCEITOS	15
3. PARÂMETROS DE EFEMERIDADE NA ARQUITETURA	20
4. ARQUITETURA EFÊMERA NA PRÁTICA	24
4.1. Exemplos de arquitetura na prática .....	24
4.1.1. Tipo 1 – Localizado em ponto selecionado para dar ideia do terreno como um todo .....	30
4.1.2. Tipo 2 – Localizado no terreno, sem prejuízo do andamento da obra. ..	31
4.1.3. Tipo 3 – Estandes em edificações de caráter permanente. ....	32
4.1.4. Tipo 4 – Quiosques em espaços cobertos.....	33
4.1.5. Tipo 5 – Estandes móveis .....	34
4.1.6. Tipo 6 – Estandes em feiras e exposições .....	36
4.1.7. Tipo 7 – Estandes em pátios descobertos.....	37
4.2. Importância do projeto nas construções efêmeras.....	39
4.3. Não reconhecimento da arquitetura efêmera .....	48
5. CONCLUSÕES	58
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ARQUITETURA EFÊMERA	63
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PROFISSIONAIS	65

## 1. INTRODUÇÃO

De modo geral, arquitetura consiste na arte de criar espaços, cuja finalidade é a de abrigar as atividades do homem (COLIN, 2000 *apud* CASTELNOU, 2014, p. 5). A arquitetura passa a existir com as primeiras atividades humanas. Ao longo do tempo ela foi sendo ampliada e modificada, baseada nas novas necessidades humanas, relacionadas a cultura, os costumes e características da época. A arquitetura acompanhou todo esse processo de transformação e foi sendo adaptada a essas novas formas da sociedade, sendo considerada por “mutante” (ALBUQUERQUE, 2013).

Partindo do pressuposto que a arquitetura tem como função organizar o espaço para o homem e como o homem não é eterno, logo entendemos que toda arquitetura pode ser efêmera (CARNIDE, 2012).

Ao longo da história, as obras arquitetônicas foram construídas baseadas nas condições climáticas locais, tipos de materiais, tecnologia e mão de obra existente na época. Muitas dessas construções permanecem até hoje, devido aos materiais e sistema construtivo utilizado. Essa busca da arquitetura pela robustez atrelada a durabilidade se tornou responsável por registro da humanidade.

Paralelo a grandes ícones da arquitetura houve construções de caráter transitório, que cumpriram um objetivo, eram transportadas, montadas e desmontadas conforme sua necessidade.

Esse tipo de construção também conhecida como arquitetura efêmera, por seu caráter temporário, não tiveram a devida importância enquanto arquitetura ao longo da história. Por sua vez, estas se materializavam através de técnicas primitivas, adequando se ao uso, no intuito de serem montadas, transportadas e remontadas. (SCÓZ, 2009 *apud* MONASTÉRIO, 2006)

As construções nômades são exemplo desse tipo de arquitetura. Elas eram feitas de pele de animal, criadas para proteger das intempéries e dos perigos do meio externo. Essas poderiam ser montadas, desmontadas, transportadas, armazenadas e depois remontadas em local diferente para outros fins. Embora a construção nômade não carregasse consigo uma tecnologia mais avançada de caráter permanente, ou utilizasse materiais de alta durabilidade, elas cumpriam sua principal função de abrigo, proteção e principalmente de flexibilidade e mobilidade.

Segundo Monastério (2006) O desenvolvimento do ferro e do aço no final do século XVIII trouxe inovações à construção. A era da indústria, juntamente ao espírito competitivo já existente na época, abriu possibilidades para a construção dos primeiros edifícios com caráter passageiro destinados às grandes feiras de negócios e pavilhões.

Para Monasterio (2006) a arquitetura é compreendida como algo cuja longevidade é símbolo, caracterizado pela permanência e estabilidade, e essa ideia se opõe a um tipo de arquitetura que tenha um curto espaço de tempo. E esse conceito exclui várias obras que poderiam ser consideradas como arquitetura efêmera, por exemplo: shows, eventos itinerantes, exposições, pavilhões, estandes e edificações emergenciais.

Quando compreendemos a arquitetura pela sua longevidade e permanência, relacionamos diretamente o tipo de material e tecnologia aplicada a construção. Levando esta teoria como base, automaticamente exclui-se outros possíveis tipos de arquitetura com material menos duradouro e com um menor tempo de duração, como as construções efêmeras.

A motivação deste trabalho se baseia, sobretudo, na problemática de classificação da arquitetura como tendo um sentido efêmero ou não. Partindo deste pressuposto, originou-se a hipótese norteadora da pesquisa de que existem critérios específicos para a definição de uma arquitetura como sendo efêmera ou não, além de sua desvalorização por parte tanto dos profissionais responsáveis pela sua criação quanto pelos próprios usuários. Para isso, é academicamente justificável a necessidade de realização de um estudo objetivo sobre a temática, afim de embasar uma análise de parâmetros suficientes para a caracterização desta tipologia arquitetônica.

O objetivo principal desta pesquisa se trata em compreender o que caracteriza uma arquitetura como sendo efêmera e se a mesma é desvalorizada pela sociedade. Os objetivos específicos são analisar conceito de efêmero e arquitetura; discutir temporalidade na arquitetura; pesquisar o conceito de efemeridade em relação a vários aspectos determinantes; entender o porquê de sua classificação como efêmera; compreender o conceito de arquitetura efêmera e sua relação com a arquitetura permanente; investigar se existe uma desvalorização da arquitetura efêmera; discutir o porquê desta desvalorização.

O método de abordagem utilizado foi o método hipotético dedutivo, partindo-se de uma hipótese comprobatória ou não ao longo da pesquisa. O método de procedimento é o comparativo, pois se examinou exemplos de arquitetura considerada efêmera. A pesquisa está fundamentada no estudo e compreensão dos conceitos que podem definir a arquitetura como sendo efêmera, como o objetivo pelo qual a obra foi criada, a sua longevidade, e a tecnologia utilizada.

As técnicas de pesquisa utilizadas foram a pesquisa bibliográfica, com leitura de autores que vem estudando e publicando sobre arquitetura efêmera, tais como, Carnide (2012); Escobar (1999); Graeff (1986); Monsterio (2006); Paz (2008); Lemos (1994); Fernández-Galiano (2011); Rodrigues (2002), entre outros; pesquisa documental, em portais oficiais de governo, em escritórios de arquitetura, em universidades, etc; visitas de campo, para conhecer e registrar exemplos de arquitetura efêmera, como a mostra de arquitetura de interiores RioMar Casa e empresas de eventos e cenografia na cidade do Recife; aplicação de entrevistas e questionários em grupos focais de interesse, como arquitetos responsáveis por projetos de arquitetura considerada efêmera, usuários dessa arquitetura e leigos no assunto. Devido a sua complexidade, a pesquisa é considerada como exploratória, ou seja, representa apenas o início de uma investigação com desdobramentos posteriores dos mais diversos.

Esta pesquisa está dividida em cinco capítulos, abordando quatro pontos primordiais para o entendimento e respostas aos problemas descritos. Primeiramente uma contextualização sobre conceitos de arquitetura e efemeridade para atingir os objetivos propostos. Tudo a fim de analisar diversos fatores importantes para a compreensão do que de fato é arquitetura efêmera. Em seguida foi abordado os um apanhado de parâmetros que tem como objetivo definir o que de fato pode ser considerado uma arquitetura como sendo efêmera. Nesse mesmo capítulo foram expostos vários exemplos de arquitetura que pode ser considerada como efêmeras, outras que podem ter perdido o conceito de efemeridade ao decorrer do tempo e outras que passaram a ser efêmeras. No penúltimo capítulo foi abordado a importância do arquiteto na execução do projeto e a desvalorização dos projetos de arquitetura pelas empresas, arquitetos e usuários. No último capítulo trata da conclusão, se baseado na pesquisa, podem existir parâmetros que definem a arquitetura como sendo efêmera, e se ela é valorizada.

## 2. CONCEITOS

Quando falamos em arquitetura efêmera, logo pensamos no significado do sentido amplo da palavra efêmero, que compreendemos como algo passageiro, temporário, transitório. Não é nada simples definir o que é efêmero, levando em consideração a relatividade que o termo possui, pois só podemos compreender a dimensão da efemeridade de uma edificação, quando comparamos uma com outra em relação a sua longevidade, como um pavilhão de uma exposição comemorativa comparada a uma casa, por exemplo. O fato é que por mais que se idealize algo duradouro ou passageiro, não podemos saber especificamente quanto tempo permanecerá ou em quanto tempo deixará de existir.

Na teoria do ciclo da vida há uma série de fases pelas quais os indivíduos passam, uma delas é a morte.

Todo ser vivo nasce, cresce, se reproduz e morre. A morte é uma consequência da vida de todo ser. É a etapa final da vida dos seres. É o destino de tudo o que é vivo, sendo a única certeza da vida. Um dia a morte acontece na vida de todo mundo e ninguém pode mudar isso. A morte é algo inevitável e ninguém consegue escapar dela. Não é algo bom, nem ruim, apenas é algo que existe. É um fator presente na vida de todo mundo. Faz parte da vida e temos que nos conformar tratá-la com naturalidade (COELHO; FALCÃO, [entre 2004 e 2018])

Pode-se dizer que se o homem, o criador da obra, mesmo que com vida longa ou curta, deixará de existir, logo a sua criação também terá um fim, ainda que tenha sido projetada para permanecer eternamente, tendo em vista que a própria civilização à qual ele pertence não é eterna.

Para Escobar (1999 *apud* MONASTERIO, 2006), a obra efêmera é uma criação que não é produzida para ficar no mundo, mas sim um produto que se abandona no sentido etimológico da palavra, a morte é um dos principais atributos de qualquer efêmero.

Uma edificação, seja qual for, é considerada obra de arte quando sobrevive graças às suas qualidades estético-formais, independente da sua função, da sua técnica construtiva ou mesmo da sua importância social (GRAEFF, 1986 *apud* CASTELNOU, 2014, p. 41).

E essa obra pode ser projetada para ser efêmera ou eterna, mas como definir efemeridade se nada é eterno? O homem é efêmero.

Para Vitruvius (2007) a arquitetura consta de ordenação, disposição, eúritmia, comensurabilidade e distribuição. Esta ordenação é definida por ele como uma justa proporção na medida das partes da obra consideradas separadamente e, numa visão de totalidade. A disposição define-se pela colocação adequada das coisas e o efeito estético da obra. Já a eúritmia consiste na forma elegante e o aspecto agradável das diferentes porções, levando como base a proporção. Por sua vez, a comensurabilidade consiste na harmonia e equilíbrio da obra. E ele finaliza dizendo que a distribuição é a repartição apropriada dos meios e do solo.

A arquitetura é, antes de mais nada, construção, mas construção concebida com o propósito primordial de ordenar o espaço para determinada finalidade e visando a determinada intenção. E nesse processo fundamental de ordenar e expressar ela se revela igualmente arte plástica, porquanto nos inumeráveis problemas com que se defronta o arquiteto desde a germinação do projeto até a conclusão da obra, há sempre, para cada caso específico, certa margem final de opção entre os limites máximo e mínimo determinados pelo cálculo, preconizados pela técnica, condicionados pelo meio, reclamados pela função ou impostos pelo programa – cabendo então ao sentimento individual do arquiteto (ao artista portanto) escolher, na escala de valores contidos entre tais limites extremos, a forma plástica apropriada a cada pormenor em função da unidade última da obra idealizada. A intenção plástica que semelhante escolha subentende é precisamente o que distingue a arquitetura da simples construção (GRAEFF, 1979)

De modo geral, arquitetura consiste na arte de criar espaços, cuja finalidade é a de abrigar as atividades do homem (COLIN, 2000 *apud* CASTELNOU, 2014, p. 5) . Ou seja, de acordo com Lemos (1994 *apud* CASTELNOU, 2014, p. 5) a arquitetura tem como objetivo a organização e/ou configuração do entorno físico do homem, visando sua utilização prática e sua significação plástica, sendo, portanto, uma das manifestações mais antigas da humanidade.

Partindo do pressuposto que a arquitetura tem como propósito ordenar o espaço para determinada finalidade e é feita para o homem e o homem é efêmero, logo entende-se que toda arquitetura pode ser efêmera.

De certa forma, podemos dizer que toda a arquitetura é efêmera: a luta contra o tempo é, desde já, uma batalha perdida contra a erosão dos elementos, o desgaste causado pelo clima e a destruição provocada pelo homem (CARNIDE, 2012).

Toda construção é, no fim, efêmera, e seria inútil precisar o período de duração de algo para qualificá-lo como temporário ou não: “Entendemos que quanto menor o tempo de estadia de uma construção no espaço, maior a sensação de sua efemeridade”. Pode-se afirmar que o fator determinante para classificar uma obra como transitória – ou não – não se dá pela

composição do seu sistema construtivo, mas sim pelo fim a que está destinada: “A arquitetura de eventos, por exemplo, é efêmera não por ser arquitetura, mas por ser de eventos” (PAZ, 2008 *apud* FREITAS, 2017, p. 29)

De acordo com Freitas (2017, p. 17), a durabilidade e resistência são características adotadas pela engenharia civil, buscando sempre abrigo e proteção às condições climáticas e ameaças do mundo externo. Estruturas monumentais e rígidas também podem caracterizar demonstração de poder, assim como a vontade de permanecer além das gerações.

Ambos a *firmitas* vitruviana como a *soliditas* de Alberti são expressões retóricas de um desejo de permanência narrativamente manifestados no sonho de uma arquitetura atemporal, cuja forma e matéria resistem à abrasão de existir (FERNÁNDEZ-GALIANO, 2011 *apud* FREITAS, 2017, p.17).

Esse princípio de robustez e resistência implica diretamente no conceito de durabilidade que a obra terá. Quando criamos algo com tecnologia e materiais mais resistentes às causas naturais e artificiais, mesmo que um dia essa obra venha a ter um fim, ela não foi idealizada para isso. Toda arquitetura pode ser considerada efêmera, mas quando previamente é estabelecido a inclusão de objetivos, materiais com maior resistência e uso de tecnologias que possam determinar uma maior vida à obra, ela é considerada menos efêmera, apoiado na ideia que nada é eterno.

Porém, há obras mais efêmeras do que outras e o que as distingue é, sobretudo, a consciência de um tempo de vida pré-determinado, uma obra efêmera é aquela que nasce para morrer: o efêmero é algo que anuncia o seu próprio fim, renunciando ao futuro (CARNIDE, 2012).

Devido à complexidade em relação ao conceito, organização espacial, estudos de caso, embasamento teórico e prático para a elaboração de um projeto, criar algo sabendo que o mesmo poderá deixar de existir em um curto espaço de tempo, pode vir a ser muito frustrante tanto para o criador como para quem aprecia a obra.

Tradicionalmente, criar é fazer nascer algo inexistente e deixar que esse feito permaneça no mundo. Criar algo para desaparecer pode parecer um contrasenso; assim, o maior problema que a criação do efêmero enfrenta não é o seu desaparecimento, é o conflito de que ela, a obra, não sobreviva ao seu criador. (ESCOBAR, 1999 *apud* MONASTERIO, 2006).

Para Monasterio (2006) a arquitetura é compreendida como algo cuja longevidade é símbolo, caracterizado pela permanência e estabilidade, e essa ideia

se opõe a um tipo de arquitetura que tenha um curto espaço de tempo. E esse conceito exclui várias obras que poderiam ser consideradas como arquitetura efêmera, por exemplo: shows, eventos itinerantes, exposições e edificações emergenciais.

Fundamentando essa ideia podemos analisar a Catedral Anglicana Neogótica de Christchurch de 1984 (Figuras 1 e 2), localizada na Nova Zelândia, que foi destruída por um terremoto de 6.3 pontos de magnitude, e foi substituída por uma catedral de papelão que terá uma durabilidade de 50 anos até que a original seja reconstruída, projetada pelo arquiteto Shigeru Ban, que vem trabalhando com tubos reciclados como material construtivo desde 1986, declarou que "a força do edifício não tem nada a ver com a força do material." E acrescentou: "mesmo edifícios de concreto podem ser facilmente destruídos por terremotos, mas edifícios de papel não" (ROSENFELD, 2014).

Figura 1 – Catedral da Nova Zelândia.



Fonte: ROSENFELD, 2014.

Figura 2 – Catedral da Nova Zelândia.



Fonte: ROSENFELD, 2014.

Monasterio (2006) afirma que o efêmero está em tudo, independentemente de sua duração, o que importa é a razão de sua existência em um determinado período, mesmo que este seja curto. O mais relevante é o porquê de sua criação e o fim a que se destina. A edificação de papelão teve um objetivo, que foi substituir a catedral original por um prazo determinado de 50 anos, utilizando uma tecnologia construtiva pouco explorada e materiais construtivos descartáveis. Ou seja, é uma obra que mesmo sendo emergencial e com materiais menos resistentes ao tempo, seu principal objetivo foi alcançado.

### 3. PARÂMETROS DE EFEMERIDADE NA ARQUITETURA

Podem existir vários aspectos a serem levados em consideração ao conceituarmos a arquitetura como sendo efêmera ou não. Alguns deles são temporalidade, objetivo e tecnologia dos materiais. “O homem é a medida de todas as coisas” (SPONVILLE, 2011. p. 375 *apud* COSTA, 2015, p. 45)

É preciso estabelecer um critério palpável para definir o que seria efêmero na arquitetura. Desde a filosofia grega pré-socrática se diz que o homem é a medida de todas as coisas, mas tomar essa afirmação como verdade para determinar o que seria duradouro ou não significaria escolher arbitrariamente um tempo médio da vida humana e fazer uma proporção com a obra para identificar quanto tempo ela existiria. Isso não faz sentido, portanto, é preciso escolher outro critério.

Quando citamos o tempo em relação a arquitetura é bem complexo de identificar a sua efemeridade. Em toda história da arquitetura enxergamos obras que foram projetadas para ter um fim como por exemplo a Torre Eiffel que o objetivo de seu projeto foi elaborar uma obra para durar apenas a exposição na França, e após esse evento ela iria ser desmontada. Devido a sua importância político e social se tornou um símbolo na arquitetura e foi mantida até hoje. Como o material e tecnologia utilizada na sua construção foi o que tinha de melhor na época em relação a durabilidade, a única característica que iria defini-lo como efêmero

Seria a sua desmontagem após a exposição. Ou seja, podemos levar em consideração que a Torre Eiffel foi concebida uma arquitetura efêmera mas perdeu essa definição após o não cumprimento de seu objeto.

O arquiteto Oscar Niemayer projetou para o Serpentine Gallery uma obra que foi toda implantada em concreto armado e metal com a linguagem típica de seu estilo representada na figura 3. Muito embora sabendo sua finitude, não foram utilizados sistemas de desmontagem, portanto, foram demolidas após o fim da exposição. Pela sua concepção estrutural mais duradoura, poderíamos inicialmente até afirmar que ela não estaria enquadrada no conceito de uma obra provisória, mas quando analisamos seu objetivo, observamos que independente do material e tecnologia aplicada ela não possuía um caráter duradouro. Como visto anteriormente, ambos os projetos tiveram os mesmos objetivos, mas como o tempo é relativo, a Torre Eiffel mais antiga e de material desmontável ainda se encontra de pé, e a obra de Oscar

Niemayer toda em concreto armado e metal que deveria ser mais duradoura foi demolida após a exposição.

Figura 3 – Pavilhão de Oscar Niemayer no Serpentine Gallery.



Fonte: PINTEREST, 2019

Considerando também que Arquitetura teve intenção de representar a modernidade associada às mais novas tecnologias do mercado, esses exemplos são simbólicos e buscam transmitir as possibilidades industriais de sua época. Mas se por algum motivo foi decidido que não seriam mais desmontadas ou demolidas isso interfere diretamente na sua definição como sendo arquitetura efêmera ou não.

Segundo Costa (2015) desprezar a tecnologia construtiva para caracterizar este tipo de arquitetura, hoje, não é inviável. É preciso considerar os avanços tecnológicos, sistemas e desenvolvimento de materiais dos quais a Arquitetura se utiliza para cada vez mais se adequar à realidade do problema que busca resolver. É razoável então afirmar que Arquitetura Efêmera é aquela que se vincula às técnicas e sistemas de montagem e desmontagem da obra no espaço onde será instalada, dispensando a necessidade de demolição.

A rigidez de uma obra frente às mudanças que exigem adequações sintáticas decorrentes de novos usos nutre o capital, mas castiga o planeta. A construção, demolição e reconstrução demandam apenas não só um grande esforço humano, mas geram nesse processo grandes danos ambientais (COSTA, 2015)

A quantidade de obras que podem ser consideradas uma arquitetura sólida são inúmeras. Podemos citar o exemplo das Pirâmides e Templos religiosos (Figuras 4-

5), são construções que mesmo visando a eternidade, por representar uma divindade ou uma religião, utilizando materiais robustos e melhor tecnologia da época, elas sofrem desgaste com a ação do tempo, e se não for previsto uma manutenção da estrutura, a mesma poderá entrar em processo de degradação até ser destruída totalmente, tornando-se efêmera. Por outro lado, podemos analisar uma barraca de praia (Figura 6), que tem como objetivo proteger o usuário do sol, que diferente dos Templos e Pirâmides, já podemos saber que após o pôr do sol a barraca perderá sua função e será recolhida para ser posta no outro dia, provavelmente em outro local. Ou seja, ambas têm um fim, mas conseguimos identificar quando a barraca perderá seu uso. Já as construções robustas com a intenção de eternidade é bem relativo.

Figura 4 – Pirâmides



Fonte: MOTOMURA, 2011.

Figura 5 – Mesquita Islâmica em Jerusalém



Fonte: NOTÍCIAS ADVENTISTAS, 2016

Figura 6 – Barraca



Fonte: POUSADA CASTELINHO, c2018.

Cabe uma primeira observação a respeito: ao usar o termo “Arquitetura Efêmera” não se está referindo à arquitetura sofrendo a ação do tempo. Faz-se referência à parte da disciplina arquitetônica que se remete à concepção de Arquiteturas com duração curta no espaço. A frase Arquitetura Efêmera é aquela que tem curta duração no espaço não é satisfatória enquanto conceito, mas parece ser o ponto de partida para entendê-lo (COSTA, 2015)

Levando em consideração que o efêmero está em tudo, segundo Monasterio (2006), na arquitetura pode existir algumas classificações que às distingam, já que se pode definir arquitetura como sendo efêmera em relação a vários aspectos, como: seu objetivo, sua durabilidade, materiais e tecnologia construtiva.

Monasterio (2006) comenta que existem tipologias de arquitetura efêmera que podem ser classificadas de acordo com atividades sócio-político-culturais ou atividades comerciais. As sócio-político-culturais estão relacionadas ao entretenimento, à cultura, à crença religiosa, aos movimentos políticos e às necessidades emergenciais, que podem ser: as estruturas voltadas a comícios políticos, às cerimônias religiosas, às construções emergenciais, às acomodações temporárias ou mesmo às estruturas voltadas a espetáculos, shows e exposições artísticas itinerantes.

Já as atividades comerciais são relacionadas à propaganda e venda de produtos, resultando em tipologias como: feiras, exposições e pontos de venda, que podem ser em: pavilhões, chalés, estandes, quiosques, lojas ou escritórios itinerantes. Outra tipologia também utilizada é a móvel, na qual em vez de ser desmontado, o ambiente é transportado, como parte de um automóvel.

## 4. ARQUITETURA EFÊMERA NA PRÁTICA

### 4.1. Exemplos de arquitetura na prática

Levando em consideração que a arquitetura consiste na arte de criar espaços, cuja finalidade é a de abrigar as atividades do homem, podemos citar o nomadismo, que foi uma forma de vida que teve presente nos primeiros grupos humanos, que tinha como principal característica não viver em um só local, mas sim, espalhar-se pelo território a procura de melhor local para caça, pesca, coleta de plantas e frutos para se alimentar, veem na mobilidade um princípio para a sobrevivência. Cozinham em fogueiras e reuniam-se em pequenas tribos.

As construções nômades feitas de pele de animal, criadas para protegê-los das intempéries e dos perigos do meio externo. A composição de sua estrutura eram galhos, troncos de árvore e ossos de animais facilmente encontrados e poderiam ser montadas, desmontadas, transportadas como mostra na figura 7, armazenadas e depois remontadas em local diferente para outros fins. Embora a construção nômade não carregasse consigo uma tecnologia mais avançada, ou materiais de alta durabilidade, elas cumpriam sua principal função de abrigo, proteção e principalmente de flexibilidade e mobilidade.

Figura 7 – As primeiras civilizações



Fonte: RODRIGUES, c2019

O propósito de uma edificação é cumprir uma função. A função da maioria das edificações é proteger as pessoas do tempo, criando espaços separados, mas interligados. Esses espaços podem ser muitos e pequenos, como um prédio de apartamentos ou poucos, talvez até um único espaço, como uma

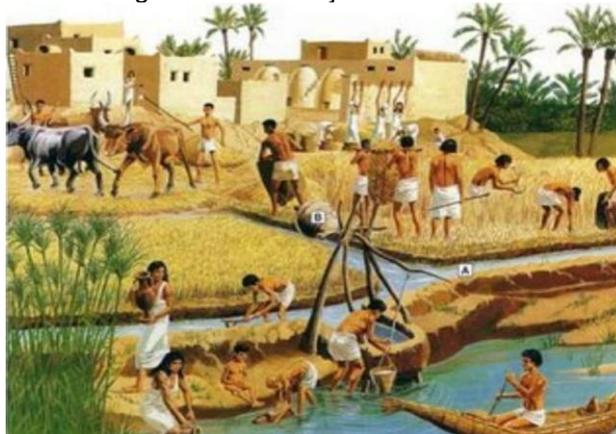
igreja ou teatro. A função da edificação é cumprida pela construção de superfícies, como paredes e coberturas, que separam o exterior do interior. (SALVADORI, 2011, p. 3)

Para Freitas (2017) o conceito de estrutura efêmera para uma edificação permanente, como moradia, se torna tarefa ainda de pouca compreensão e estudo, mas que possibilita uma relação do homem com o ambiente construído e, deste, com a natureza. Esse fato, assim colocado, toma-se um paradigma contemporâneo da Arquitetura: a relação entre durabilidade e sustentabilidade. Uma edificação projetada de forma que se monte e remonte várias vezes, em lugares e de maneiras diferentes, estende seu tempo de vida e é como se fosse uma reciclagem.

Eu acho que movimento, mobilidade, flexibilidade têm tudo a ver com sustentabilidade (...). Lembre-se, se você está fazendo um edifício que se move de lugar para lugar, se você está fazendo reciclagem, você está separando as partes. Destruído um edifício, a reciclagem seria a habilidade de desmontar e ser capaz de utilizá-lo muitas vezes, da mesma forma como foi feito inicialmente. (KRONENBURG, 2008 *apud* FREITAS, 2017).

Tal qual Salvadori (2011) esse tipo de vida passou a ser extinta após a descoberta da agricultura e economia doméstica, e não necessitava mais vagar o mundo a procura de alimento. Elas passaram a ser sedentárias. E decorrente a essa descoberta, os abrigos não tinham mais a inevitabilidade das tendas móveis. E aos poucos foram sendo substituídas por moradias mais sólidas, utilizando materiais com maior durabilidade. E essas edificações mais robustas começaram a brotar em regiões mais férteis como representada na figura 8. Com o crescimento dessa população passaram a ser construídas estruturas maiores para discutir os problemas do vilarejo, que seriam possíveis prefeituras, ou até mesmo igreja.

Figura 8 – Civilizações no Rio Nilo



Fonte: AMINO, 2018.

Essa constância no universo de construções não nos surpreenderá se compreendermos que a arquitetura satisfaz necessidades fisiológicas básicas que permanecem as mesmas desde o surgimento dos Homo Sapiens, há cerca de três milhões de anos. Comemos os mesmos tipos de alimento que nossos ancestrais pré-históricos e cozinhamos da mesma maneira que eles. Dormimos sobre superfícies horizontais (embora elas sejam, com toda certeza, hoje, mais macias do que então), nos protegemos do tempo e procriamos da única maneira. A arquitetura é a mais conservadora das artes e das ciências criadas pelo homem porque supre tais necessidades, que lhes são próprias e imutáveis. (SALVADORI, 2011, p. 2)

Segundo Salvadori (2011) quando falamos de casas pré-históricas e históricas analisa-se que nem sempre os tipos de habitação desses primitivos eram determinados pelo clima, mas sim pelo tipo de material encontrado na região. Muitas dessas edificações prevaleciam o uso da madeira. Mas por causa da sua deterioração natural, em consequência da umidade, fogo e intempéries, restaram poucos vestígios. Podendo assim identificar que determinados

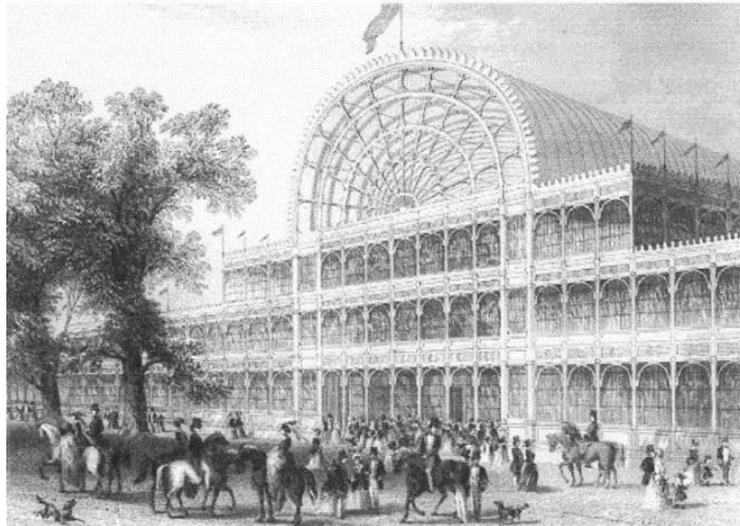
E foi no desenvolvimento da estrutura que arquitetura passou por uma renovação. Nossos edifícios que agora atingem alturas de mais de 450 metros, e nossos estádios cobertos, cujo diâmetro às vezes atinge 210 metros, requer estruturas incomparavelmente mais complexas e mais robustas do que as do passado. Seu desenvolvimento exigiu tanto novos conhecimentos teóricos para o projeto quanto novos materiais de construção.

O desenvolvimento do ferro e do aço trouxeram grandes possibilidades de inovações na arquitetura, mais especificadamente no final do século XIX. Essa era da indústria abriu a possibilidade para construção dos primeiros edifícios temporários destinados às grandes feiras de exposição. Os eventos que inicialmente eram nacionais tomaram novas dimensões e se tornaram internacionais e se tornaram símbolos.

O primeiro espaço destinado à exposição, o Palácio de Cristal (Figura 9), foi construído em meados do século XIX para a primeira Exposição Universal, a exposição de Londres em 1851. A edificação foi projetada por Sir Joseph Paxton e tinha como um de seus objetivos acomodar as plantas que havia recebido da Amazônia e também exibir os progressos e desenvolvimentos tecnológicos e intelectuais da revolução industrial. Um dos marcos do palácio de cristal não foi apenas abrigar uma grande exposição, ou utilizar materiais e tecnologia de ponta, mas também por ser desmontável. Ela foi transferida para Sydenham (Figura 10), onde passou a ser utilizada para exposições de pintura, escultura e arquitetura e para a

realização de concertos até novembro de 1936, quando um incêndio o destruiu, perdendo-se um símbolo que marcou o desenvolvimento arquitetura no século XIX.

Figura 9 – Palácio de Cristal em Londres, 1851.



Fonte: MERIN, 2013.

Figura 10 – Palácio de Cristal em Sydenham-1854.



Fonte: MAPA DE LONDRES, 2017.

Em 1889 houve uma exposição em Paris e foi construída a Torre Eiffel (Figuras 11-12) para demonstrar que a França 100 anos após a Revolução era um líder no mundo da técnica, capaz de realizar o sonho de construir uma torre de 300 metros de altura. Para Freitas (2017) Muitas das estruturas projetadas para exposições foram projetadas para serem temporárias, sendo desmontadas ao final do evento, porém algumas exceções tornaram-se permanentes, entre elas a Torre Eiffel.

Figura 11 – Inauguração da Torre Eiffel



Fonte: AVANTE, 2016.

Figura 12 – Torre Eiffel



Fonte: ALVES, 2014.

Segundo (COLLI; PERRONE, 2003 *apud* MONASTERIO, 2006) na história da arquitetura efêmera, o pavilhão e o estande são tipos diferentes de arquitetura, mas ambos possuem o mesmo propósito, os seus elementos espaciais e estéticos sempre foram determinados por uma importante função comunicativa. Essas arquiteturas, sejam em grande escala como um pavilhão ou menor como um estande, tem como objetivo relacionar uma mensagem ao público, e que pode ser definido por fatores comerciais políticos ou culturais (Figura 13).

O confronto entre a vocação econômica do Brasil, país agrícola ou industrial, a importância do ensino público ou artístico, o saneamento e embelezamento das cidades, e as novas tecnologias, resultaram em comparações no campo das mentalidades e particularmente da arquitetura. Foi dentro deste

panorama de polarização entre modernidade e tradição que na exposição universal de Nova York, em 1939, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer trouxeram uma solução para o impasse entre ser “moderno” e “brasileiro”. Segundo Underwood (2002), este pavilhão, que evocou o ambiente natural do Rio de Janeiro para mostrar o exotismo tropical e definir a identidade brasileira na arquitetura, foi responsável pelo início da carreira internacional de Niemeyer (PEREIRA, 1991 *apud* MONATERIO, 2006)

Figura 13 – Pavilhão brasileiro



Fonte: FRACALOSS, 2014

Um da Expo 2000 foi o Pavilhão do Japão, projetado por Shigeru Ban com a ajuda de Frei Otto. Além da própria exposição ter um conceito de efêmero, o arquiteto utilizou materiais de baixa resistência ao tempo, definindo-a de fato como arquitetura efêmera. O conceito do pavilhão fundamentou-se em construir um edifício temporário que pudesse ser reciclado após sua desmontagem. Com estruturas em cilindros extrafortes, resistentes à água e ao fogo, o Pavilhão do Japão foi a primeira edificação construída com estrutura de papel e mediu 25m x 73,80m x 15,9m (Figura 14).

Figura 14 - Centre Pompidou-Metz, na França, de 2010



Fonte: CASA ABRIL, 2017.

Um outro exemplo desse tipo de arquitetura são os estandes. É uma edificação temporária que tem sua existência dependente de vários fatores. Como fim de contrato de um estande de shopping, ou fim de obra para um estande imobiliário, fim de evento, as opções são inúmeras. Trata-se, portanto, de uma construção com ciclo de vida curto, sendo todas as medidas e estratégias relacionadas a sua concepção, projeto, execução e seu fim, com a intenção de favorecer o objetivo daquela obra, seja ele qual for.

Segundo Marquine e Macedo (2016) existem 6 diferentes tipos de estandes que serão contextualizados em seguida.

#### 4.1.1. Tipo 1 – Localizado em ponto selecionado para dar ideia do terreno como um todo

O primeiro é localizado em ponto selecionado para dar ideia do terreno como um todo. Que são pequenos escritórios construídos para acolher as atividades de venda de empreendimento no próprio terreno, em substituição as tendas e barracões improvisados de madeira. É a primeira construção executada no terreno do lançamento de uma edificação. Este tipo de estande permite maior requinte na apresentação do empreendimento, são espaços generosos, com bastante vaga de estacionamento, projetos de paisagismo na fachada, salão para atendimento aos clientes com WCs e copa. Além disso, permite que sejam criadas cenografias e vários ambientes que valorizem o empreendimento, além da presença do apartamento decorado, que pode estar dentro do estande ou próximo a ele.

Sua estrutura geralmente é produzida com perfis metálicos leves, sobre fundação superficial, e em seguida recebe os fechamentos e forros em drywall (Figuras 14 e 15). Essa edificação geralmente dura até não haver mais espaço disponível para o avanço do projeto, sendo substituídas pelo tipo 2 ou venderem todas as unidades propostas.

Figura 15 – Empreendimento Even Duo Pinheiros



Fonte: LK2 CONSTRUTORA, c2018

Figura 16 – Street - stand de vendas



Fonte: GALERIA DA ARQUITETURA, c2018

#### 4.1.2. Tipo 2 – Localizado no terreno, sem prejuízo do andamento da obra.

É um estande menor que o tipo 1 sempre na forma de um pequeno retângulo ou quadrado em metragem reduzida (20 a 30m<sup>2</sup>) e permanecem até a fase final da obra havendo espaço disponível. Caso não haja disponibilidade de espaço ou verba pode ser utilizado container, ocupa um espaço menor e pode ser alugado (Figura 16). Não é bom que a empreendimento fique sem um local de apoio ao cliente, porque as vendas ainda estão acontecendo. Normalmente esses espaços dispõem de copa e lavabo.

Figura 17 – Stand Moinho Ventos



Fonte: MONDIAL MODULARES, 2017

#### 4.1.3. Tipo 3 – Estandes em edificações de caráter permanente.

São estandes de caráter definitivo que são instalados, quer seja por falta de espaço no local da obra, por economia de custos ou por maior visibilidade do empreendimento que será executado. Algumas construtoras alugam locais de maior acesso e visibilidade para expor o empreendimento. Geralmente são instalados nas imediações, como avenidas principais, podendo ainda ser construída a unidade decorada anexa ao mesmo (Figura 17). Após o uso, este empreendimento, pode ser reaproveitado por outra incorporadora para a venda de um outro lançamento. Em consequência a esse caráter permanente, os materiais utilizados são mais duradouros, podendo então resistir a essas constantes modificações e adaptações do espaço.

Figura 18 – Painel de LED



Fonte: EMPRESA LED10, 2016

#### 4.1.4. Tipo 4 – Quiosques em espaços cobertos

Espaços reduzidos que funcionam em shopping centers ou em ambientes cobertos de acesso público. Geralmente é utilizado em ações promocionais de curta, média ou longa permanência. A configuração desses quiosques é definida pelo regulamento interno do shopping, e possui uma série de diretrizes, e tem como uma das principais, a altura máxima determinada, para não bloquear a visão do corredor. O intuito do quiosque pode ser variado, como a venda de algum produto (Figura 18), execução de serviço (Figura 19), ou apenas um ponto de informações. O quiosque é uma ótima ferramenta para eventos de curto prazo. Por ser menor, o custo pode ser reduzido e dependendo da duração do estande, pode ser projetado com materiais menos robustos e mais sustentáveis. Visando o reaproveitamento dos materiais.

Figura 19 – Quiosque de vendas Plaenge



Fonte: DIAS, 2016.

Figura 20 – Quiosques Unicorner



Fonte: STUDIO DIAS, c2018

#### 4.1.5. Tipo 5 – Estandes móveis

São os estandes sobre rodas, esses tipos são itinerantes, não necessitam de um local fixo, podendo assim transitar entre várias ruas ou bairros, procurando os melhores pontos e horários para se estabelecer. Não precisam de normas para utilização e impostos, e está se tornando uma tendência que tem caído no gosto do público brasileiro nos últimos anos. Aos poucos percebe-se uma maior aceitação a esses tipos de serviços, como os trailers, food-trucks, lojas temporárias, clínicas

médicas e até mesmo escritórios diversos sobre rodas. As instalações podem ser adaptadas nos baús e carrocerias dos caminhões (Figura 20) ou construídos a partir reboques e semirreboques (Figura 21).

Figura 21 – Caminhão da Mamografia



Fonte: WILLIANS, 2018.

Figura 22 – Food Truck



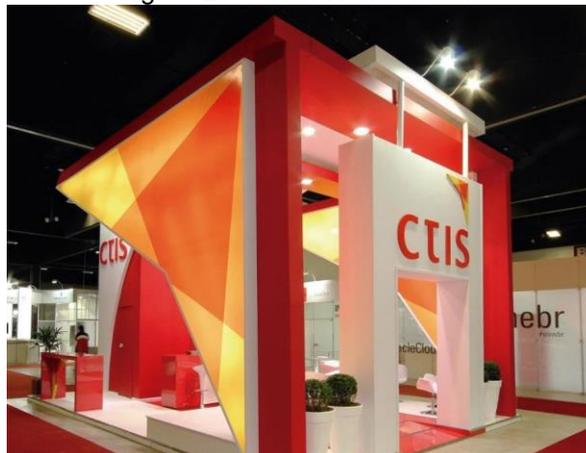
Fonte: CLASF, c2018

O estande móvel é considerado como um tipo relacionado a uma iniciativa sustentável, porque evita a ocupação do terreno. Dependendo do bairro e das dimensões do empreendimento a preferência pode ser para o estande fixo, sendo o sobre rodas um apoio para sua promoção. Também se adapta bem a situações de empreendimentos em localidades de turismo, podendo acompanhar o vai e vem dos finais de semana. (MARQUINE; MACEDO, 2006)

#### 4.1.6. Tipo 6 – Estandes em feiras e exposições

São estandes montados para eventos como feirões e exposições de curta duração. Os materiais utilizados são menos robustos, como compensados, lonas, treliças e plástico, pois não se tem a preocupação das estruturas serem expostas a intempéries, pois ficam locadas em ambientes cobertos. E tem como principal objetivo uma fácil montagem e desmontagem, já que as feiras têm duração de alguns dias. Esses eventos promocionais expositivos têm como função vender produtos, demonstrar serviços ou solidificar marcas. Sendo assim, percebe-se que mesmo a estrutura sendo mais leve, e os materiais menos duráveis, o projeto dos estandes podem ser concebidos de forma mais conceitual, explorando o uso das cores, texturas, formas, volumetria (Figura 22), no entanto, também podem manter a configuração mais simples, evidenciando o produto exposto (Figura 23).

Figura 23 – Stand Feira Oracle



Fonte: PROJECTOS STADS, c2018.

Figura 24 – Stand Feira FEICON



Fonte: PROJECTOS STADS, c2018.

#### 4.1.7. Tipo 7 – Estandes em pátios descobertos

São montados em espaços abertos, e podem ser utilizados para ações promocionais em grandes estacionamentos de grandes supermercados, lojas e construção, centros comerciais e diversos e espaços. Sua estrutura e cobertura são leves e de fácil desmontagem (Figura 24), geralmente compostas pelas mesmas estruturas do tipo anterior. Este tipo de estande é o que mais expressa a flexibilização em lugares não previsíveis, explorando a visibilidade decorrente do alto tráfego de pessoas em determinados locais. Como por exemplo, um estande de vendas imobiliárias expostas em um estacionamento de uma loja de construção.

Figura 25 – Stands para feiras e eventos

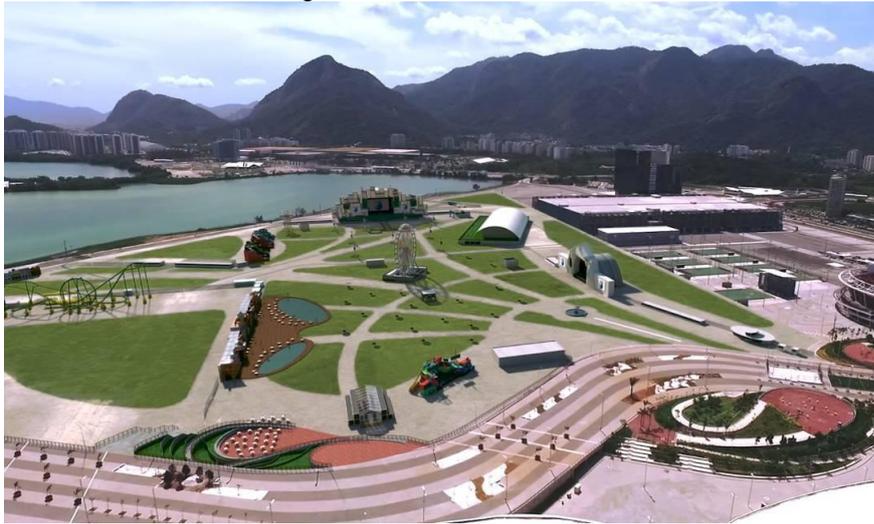


Fonte: VICTÓRIO, c2018

Essa arquitetura relacionada ao marketing não está apenas associada a Exposição e stand. É algo muito mais amplo como por exemplo: a estrutura de um Show como o Rock In Rio que possui 385 mil m<sup>2</sup> com o público de 1 milhão e 380 mil Pessoas. É um tipo de construção momentânea e que está relacionado tanto com as megas estruturas para os palcos, como também a organização do espaço do show, segregando em áreas de vendas, apresentações, áreas de serviço, áreas de banheiros, circulações de emergência. Tornando-se assim um dos eventos mais conhecidos e visitados do mundo.

A construção da nova Cidade do Rock, no Parque Olímpico do Rio de Janeiro, na Barra da Tijuca, contou com a participação direta de 75 arquitetos e urbanistas, com a emissão de cerca de 300 Registros de Responsabilidade Técnica. A informação é da equipe de fiscalização do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro (CAU/RJ), que acompanhou a montagem do Rock in Rio (RiR) 2017 entre os dias 25 de agosto e 14 de setembro.

Figura 26 - Cidade do Rock



Fonte: O GLOBO, 2017

Figura 27 - Cidade do Rock



Fonte: ROCK IN RIO, 2017

Figura 28 - Rock in Rio, 2017



Fonte: CURTA MAIS. 017. Acesso em: 2019.

## 4.2. Importância do projeto nas construções efêmeras

Quando falamos em arquitetura efêmera, podemos analisar vários segmentos, um deles é a arquitetura para eventos. E esse tipo de arquitetura está diretamente ligado ao marketing, que surgiu com a chegada da produção em escala após a revolução industrial (final do século XIII início de século XIX) Foi nesse período que nasceu a concorrência entre estabelecimentos produtivos e comerciais de natureza semelhante (CRUZ, 1988 *apud* MONASTERIO, 2006, p. 49).

O pós-guerra foi uma época marcante nesse contexto. O pensamento capitalista dominante, o aumento da produção e a variedade de produtos intensificaram as discussões sobre o mercado (preços, distribuição, comunicação e pesquisa), os conceitos de marketing passaram por reavaliações, tornando-se fator determinante nas decisões de projetos e construções destinadas a feiras comerciais. (MONASTERIO, 2006, p. 49)

Percebemos então que o marketing não está ligado apenas as vendas e propaganda de uma empresa, podem existir vários fatores que agregam a esse conceito. A própria arquitetura pode ser considerada um fator muito importante nesse segmento. Sabemos que toda arquitetura seja duradoura ou passageira, precisa conter um objetivo para existir. E muito deles tem a intenção de demonstrar imponência e poder como nos antigos castelos medievais (Figura 29), ou até mesmo, a superioridade e riqueza nos detalhes de uma igreja barroca (Figura 30) que buscava atingir emocionalmente aqueles que viam as obras. Tudo isso está relacionado ao marketing, qual seria de fato a intenção de cada obra.

Figura 29 – Castelo de Butrón, Espanha



Fonte: VIVADECORA PRO, 2018

Figura 30 – Museu da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência



Fonte: GUIA DAS ARTES, c2015

Apesar de marketing lembrar propaganda, o assunto é complexo e cheio de interdisciplinaridades. Fazer marketing é administrar todas as variáveis que interferem, de forma direta ou indireta, na relação do produto (ou da organização) com o seu mercado. A propaganda é parte do marketing, ou seja, é uma das ferramentas do composto de marketing (PADILHA, 2004 *apud* MONASTERIO, 2006, p. 50).

A empresa tem como principal objetivo vender mais e deixar sua marca mais conhecida. E para isso ela precisa produzir produtos de qualidade, construir uma identidade visual e divulgar, para o cliente entender que aquele produto é o melhor e que é aquilo que ele precisa. Essa identidade está diretamente ligada a imagem, que é um dos principais termos da arquitetura. Segundo Monasterio (2006) a imagem tem 3 aspectos distintos: identidade, estrutura e significado. Por identidade se entende a possibilidade de identificar o objeto isolado do contexto. Por estrutura, a relação espacial desse objeto com o conjunto de objetos do contexto e o observador. Por significado se entende a relação entre o objeto e o observador, ou seja, a mensagem que o objeto causa ao observador através de sua percepção.

A imagem é uma relação intermediária entre o objeto observado e a consciência; ela é tomada como ponto de referência na mente humana. Esse conceito pode ser significativo para a arquitetura, não somente para a arquitetura promocional, responsável pela imagem corporativa exposta em feiras, atendendo aos princípios do marketing, mas também para outras áreas da arquitetura MONASTERIO, 2006, p. 52).

A imagem é um ponto muito importante para a potencialização da marca e principalmente faz com que o usuário se identifique com aquele determinado produto e necessite dele. A percepção também é uma característica bem relevante na arquitetura e vai além de arquitetura comercial. Toda obra deve expressar algo relacionado a sua função. Essa expressão não está apenas ligada a durabilidade. Muito pelo contrário, todo tipo de obra tem um objetivo a seguir, e precisa ser expressado de alguma forma. Seja com o tipo de material utilizado, com a composição desse espaço, o dimensionamento, as cores, o cheiro. O marketing é o conjunto de estratégias e ações que provêm o desenvolvimento, o lançamento e a sustentação de um produto ou serviço no mercado consumidor, visando aumentar a aceitação e fortalecimento da imagem de algo para um determinado público (MONASTERIO, 2006, p. 52).

A arquitetura promocional não é apenas uma adição ou superposição da arquitetura de interiores, comunicação visual e projeto do objeto: ela exige algo a mais do profissional, como conceitos que incluam teorias de marketing, branding, percepção, psicologia, conhecimento comportamental, técnicas e ferramentas de projeto adequadas ao seu desenvolvimento. (LIMA, 1973, *apud* MONASTERIO, 2006, p. 51)

Toda arquitetura, seja ela idealizada para ser eterna ou ter seu fim pré-determinado, deve ser projetada por um profissional adequado. Pois transcende a estética, e ao bom gosto, está atrelada ao marketing, percepção, ergonomia, conforto, segurança, a adequação de um material ideal, conhecimento comportamental e outras técnicas. O primeiro contato sensorial do usuário normalmente é o visual, a estética é um dos mais poderosos métodos para a arquitetura, mas não é a única ferramenta a ser trabalhada.

Além de ousadia, para se fazer uma exibição fixar-se na memória do visitante é necessário dar importância ao produto, usar os sentidos para atrair visitantes, ser breve, organizado e repetitivo. Qualquer informação que vem a nossas mentes tem que entrar por um ou mais de nossos cinco sentidos, pois quanto mais envolvidos estivermos, maior a memorização. Assim, se algum lugar ou produto tiver som agradável, se for prazeroso à nossa visão, se for passível de ser tocado ou nos remeter a sabores e odores agradáveis, então nossa memória terá muitos elementos a rastrear e a chance de memorização será muito maior (ARCHIBALD, 2003 *apud* MONASTERIO, 2006, p. 52).

O grande desafio do arquiteto é promover ao usuário uma sensação especial, fazendo com que essa experiência não seja esquecida, e sim permaneça deixando

um legado positivo da marca e daquele determinado produto. E para isso ele necessita ultrapassar seus conhecimentos técnicos, e utilizar a psicologia para entender os desejos e necessidades dos usuários. O estande é muito mais importante do que um simples projeto que terá um curto prazo. Tudo em um estande deve ter um conceito. É importante que ele atraia os olhos dos visitantes, e em um curto prazo de tempo consiga identificar quem é a empresa, quem representa e o que ela faz. Essa compreensão funciona como selecionador, atraindo pessoas interessadas em seus produtos.

Outro ponto muito relevante, é como a composição volumétrica adotada em um projeto de estande pode transmitir a mensagem da empresa de tal maneira, que a obra por si só pode tornar-se suficiente à identificação e ao marketing da empresa (Figuras 31 e 32). O estande pode ser reconhecido pelos seus clientes mesmo que a logomarca da não esteja exposta.

Figura 31 – Arquitetura Promocional: Retail Design – Calçados



Fonte: VIVADECORA PRO, 2019.

Figura 32 – Arquitetura Promocional: Retail Design



Fonte: VIVADecora Pro, 2019.

Esse tipo de arquitetura está crescendo cada vez mais e está sendo constantemente adaptado às novas demandas condicionadas pelo mercado, pela tecnologia construtiva existente e pela necessidade do público. Como o formato de sua existência é de curta duração, não é empregado o determinado valor, tanto de parte dos clientes, como dos próprios arquitetos. Nesse ramo de arquitetura efêmera pode-se encontrar vários segmentos, um deles são os estandes.

Uma empresa referência no mercado de eventos, é a ZDB Cenografia e Eventos, localizada em Olinda-PE atua na área de cenografia para eventos corporativos, seminários, congressos, estandes para feiras, tendas em grid e comunicação visual. A empresa é uma das únicas que dispõe de arquitetos e estagiários de arquitetura em seu corpo técnico, para desenvolver e acompanhar todos os projetos e propostas recebidas na empresa.

A arquiteta da empresa, Raisia Carvalho de Oliveira, durante a entrevista na empresa, sempre focava no reaproveitamento do material utilizado. Ela afirmou que todos os projetos elaborados pela ZDB são planejados para adequação dos materiais estocados no galpão, ou caso não tenha esse material disponível, os novos já serão planejados de forma modular para após o evento, possivelmente haver um próximo uso (Figura 33).

No entanto, em geral, o ciclo de vida de um conjunto de materiais se torna encurtado por conta das rápidas mudanças funcionais. Portanto, devido à natureza da composição técnica dos edifícios, a sua durabilidade funcional acaba determinando a sua durabilidade física. Com o objetivo de prolongar o ciclo de vida dos edifícios e seus componentes, estes deveriam ser

concebidos através do planejamento das suas vidas em serviço, em que técnicas de conexão reversíveis são combinadas com materiais de construção reutilizáveis. (DURMISEVIC, 2006; PADUART et al., 2015)

Figura 33 – Ciclo de vida de uma edificação, no contexto do projeto para a sustentabilidade.



Fonte: FREITAS, 2017, p. 55.

De forma alguma em projeto de arquitetura efêmera se pode esquecer de prever um reuso ao material. Um dos pontos cruciais para o fechamento do projeto é o custo do material. Como esse tipo de arquitetura possui um prazo de validade, e conseqüentemente o valor tem que se enxugar o máximo, empresas como a ZDB não cobram pelo material utilizado caso o cliente não tenha interesse em ficar com o que foi produzido após o fim do evento, eles alugam para tentar reutilizar e readequar em novas propostas. Nessa etapa inicial o arquiteto é essencial, pois ele prevê todo material que será utilizado, já tentando adequar a realidade da empresa pós evento.

Este não é apenas um comportamento inovador visando a questão econômica, e também a sustentabilidade, reutilizando o máximo de materiais possíveis. nas (Figuras 34-36) mostra como eles armazenam os materiais para um possível reuso.

Pensar na desconstrução de uma obra é importante porque desfaz o vínculo potencial entre o modo como se concebe o projeto e seu destino final. Seria uma forma de o futuro invadir o presente – o conhecimento prévio da deterioração do construto ou de seu deslocamento implica em fazer o projeto e a construção que viabilizem sua ocorrência. Conceitualmente, teríamos aí uma modalidade de construção relacionada com seu final, que se cumpre no fim (PAZ, 2008 *apud* FREITAS, 2017).

Figura 34 – Estoque de materiais reaproveitáveis



Fonte: AUTOR, 2019.

Figura 35 – Estoque de materiais reaproveitáveis



Fonte: AUTOR, 2019.

Figura 36 – Estoque de materiais reaproveitáveis



Fonte: AUTOR, 2019.

Nos últimos anos, tem sido apresentada uma preocupação crescente na determinação da durabilidade e vida útil e reaproveitamento dos materiais. Os materiais utilizados na produção dos projetos são escolhidos pelo profissional, na intenção de uma fácil montagem, desmontagem e principalmente o reuso. Os grids e estruturas metálicas são excelentes materiais quando se trata de flexibilidade. Após o evento elas são desmontadas e armazenadas, e a depreciação desse tipo de material relacionada ao seu uso, é mínima ou quase inexistente. Sendo assim, um dos melhores materiais para esse tipo de serviço. Essas estruturas podem ser revestidas com tecidos (Figuras 37 e 38) , lonas personalizadas ou até mesmo podem ser tomadas como partido (Figura 39).

Figura 37 – Tendas de vendas



Fonte: ZDB, c2018.

Figura 38 – Tendas de vendas



Fonte: ZDB, c2018.

Figura 39 – Tendas de vendas



Fonte: ZDB, c2018.

Outro material com um potencial enorme para esse tipo de construção é a madeira. É um elemento que pode ser 100% reutilizado em outros eventos, além de conseguir se adaptar à diversas formas e volumes, como esse projeto elaborado pela empresa ZDB para a 12ª edição do Encontro de Mulheres da rede de farmácias Pague Menos que ocorreu entre os dias 16 a 19 de maio de 2019 no Centro de Eventos do Ceará (CE). O evento, que é considerado o maior do Brasil específico para mulheres, e recebeu mais de 20 mil participantes por dia (Figuras 40-43).

Figura 40 – Montagem Estande de vendas



Fonte: ZDB, c2018.

Figura 41 – Montagem Estande de vendas



Fonte: ZDB, c2018.

Figura 42 – Estande de vendas Unilever



Fonte: ZDB, c2018.

Figura 43 – Estande de vendas Unilever



Fonte: ZDB, c2018.

Um caso recente e de extrema importância para exemplificar a importância do arquiteto nas construções de caráter transitório, é a Arena Olímpica de Handebol e Golbol construída para a Olimpíada do Rio de Janeiro de 2016. Em que foi previsto um novo projeto após sua desmontagem. Projetada pelos escritórios Oficina de Arquitetos e LSFG Arquitetos Associados, o edifício temporário possui sistema modular o qual visa, após o evento das Olimpíadas, permitir o seu desmonte e reutilização do espaço e do material para a construção de quatro escolas públicas da cidade: “[...] a vida da construção será prolongada de uma maneira diferente ao ganhar nova função social ao invés de enfrentar longos períodos de abandono, como acontece com diversas arenas pelo mundo.” (HAUS, 2016). A arena possui sua estrutura principal, metálica e de forma octogonal de sua base permite a adaptação de diferentes organizações espaciais, priorizando características pouco usuais da Arquitetura contemporânea, como a flexibilidade, mutabilidade e adaptabilidade.

Figura 44 - Escola Rio 2016



Fonte: MIRANDA, 2017.

Figura 45 - Arena do Futuro



Fonte: BAND, 2017.

### 4.3. Não reconhecimento da arquitetura efêmera

Esta seção trata sobre a não valorização da sociedade, enquanto consumidores, e até mesmo da própria classe de arquitetos, com relação a contratação de um serviço, que é a elaboração de um projeto de arquitetura, mais especificamente quando se trata da arquitetura efêmera.

Foram desenvolvidas entrevistas com arquitetos e estagiários de arquitetura para uma melhor compreensão da pesquisa. Foi elaborado também um questionário com dez perguntas sobre o tema, que foi respondido por consumidores desse tipo de serviço e demais pessoas que não possuem o conhecimento científico (APÊNDICE A e APÊNDICE B). Nessas entrevistas e questionários foram abordadas várias perguntas para entender não apenas sobre arquitetura efêmera, mas sim o que é arquitetura e qual o papel do arquiteto.

O questionário foi respondido online e também presencial na 4ª edição da mostra RioMar Casa, no Shopping RioMar Recife (Figura 40 a 42). O RioMar Casa é uma exposição de projetos de arquitetura, que possui um formato diferenciado por se distanciar da arquitetura conceitual e se aproximar do jeito de morar contemporâneo sem dispensar o alto padrão nos projetos. Os seus ambientes unem a inovação, sustentabilidade e tendências de design, mas humanizando os espaços, mostrando que é possível aplicar as ideias dos arquitetos nas casas dos visitantes.

Figura 46 – Mostra RioMar Casa 2019



Fonte: AUTOR, 2019

Figura 47 – Mostra RioMar Casa 2019



Fonte: AUTOR, 2019

Figura 48 – Mostra RioMar Casa 2019



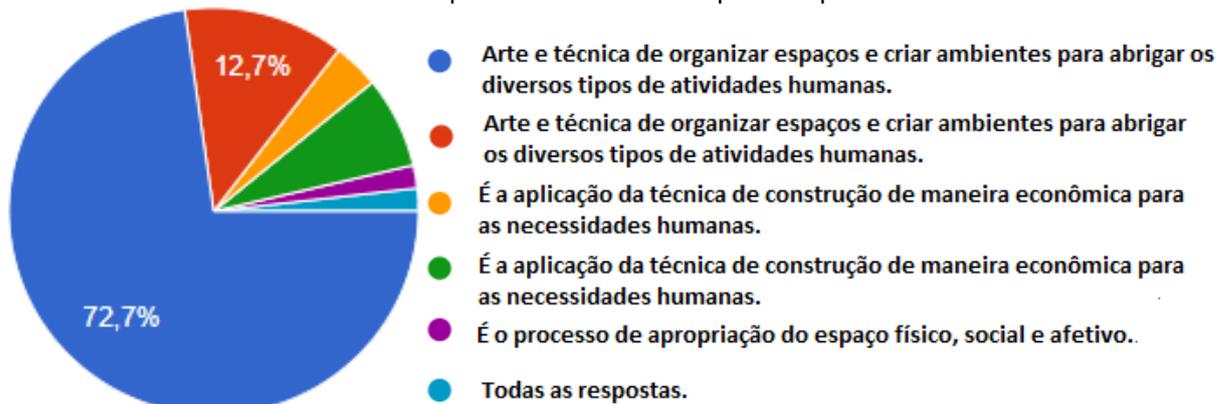
Fonte: AUTOR, 2019

Cada estande foi projetado por uma equipe técnica composta por arquitetos, estagiários, colaboradores. Ou seja, além da exposição, que já poderia ser considerada arquitetura, devido às responsabilidades técnicas, aprovações legais para sua abertura ao público, organização do espaço sempre pensando no conforto do visitante com largas circulações, na iluminação correta para os ambientes, áreas de descanso e convivência, entrada e saída dos visitantes para não gerar transtorno de tráfego, acessibilidade para chegar aos estandes, também possui a arquitetura de interiores nos próprios estandes, que é o objeto principal da exposição. Existem vários tipos de exposição, relacionada a venda de produtos, automobilística, culinária, para casamentos, imobiliária, e também a própria exposição de arquitetura como a RioMar Casa. Não apenas a exposição de arquitetura pode ser considerada um tipo de arquitetura, o conceito é o mesmo para todo e qualquer tipo de exposição.

A primeira pergunta (Gráfico 1) do questionário trata do que melhor define a arquitetura para o entrevistado. A alternativa com maior porcentagem de voto consiste na definição de que a arquitetura é a organização dos espaços, independentemente de onde seja, de qual uso será dado, do tipo de material utilizado e de quanto tempo

ela vai durar. E para Colin (2000) de modo geral, arquitetura consiste na arte de criar espaços, cuja finalidade é a de abrigar as atividades do homem.

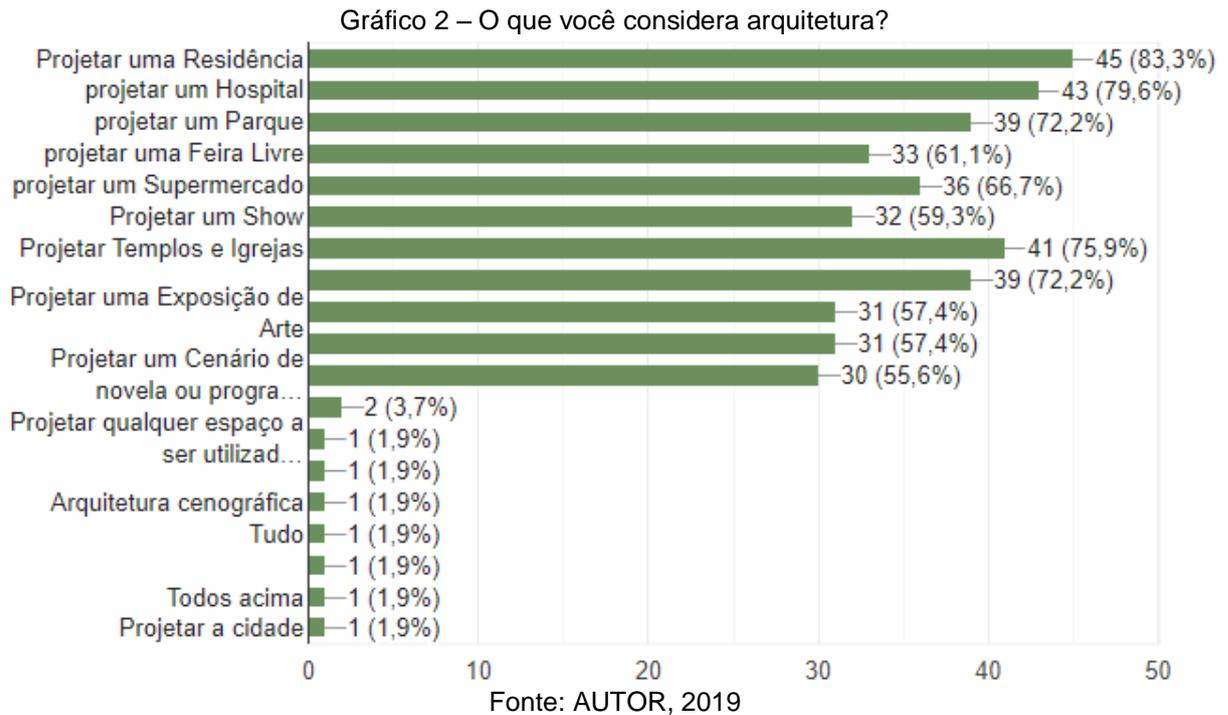
Gráfico 1 – O que melhor define a arquitetura para você?



Fonte: AUTOR, 2019

Mesmo que 72,7% das pessoas tenham respondido que a melhor definição de arquitetura seria a arte e técnica de organizar espaços e criar ambientes para abrigar os diversos tipos de atividades humanas, é evidente que as demais alternativas não possam ser desconsideradas, embora apenas 12,7% definiram arquitetura como a Arte e técnica de decorar os espaços tornando-os mais agradáveis. A falta de conhecimento da população em relação a função do arquiteto é preocupante, visto que quase 30% dos entrevistados definiram a arquitetura apenas como a técnica de decorar os espaços e de construção. E apenas 1,8% definiram todas as alternativas como corretas.

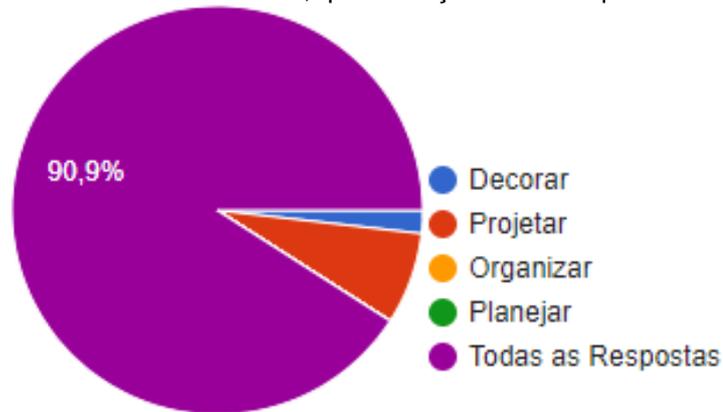
Na segunda pergunta (Gráfico 2), o entrevistado foi questionado se o mesmo acredita ser necessário um arquiteto para projetar um show, exposição, casamento ou outro evento de curta duração e o porquê. A resposta de uma das recepcionistas do RioMar Casa foi a seguinte, “Não, pois existem outros profissionais mais apropriados para esse tipo de serviço. O arquiteto é um profissional mais caro”.



Foi observado um quantitativo relevante de entrevistados dizendo que seria importante um arquiteto para executar esses determinados serviços, mas sempre enfatizando o alto valor de contratação. Outra resposta foi a seguinte: “Não. Acredito que outros tipos de profissionais suprem esses eventos”. Novamente enxergamos outro questionamento a respeito do valor, provavelmente relacionado ao curto prazo de tempo dos eventos.

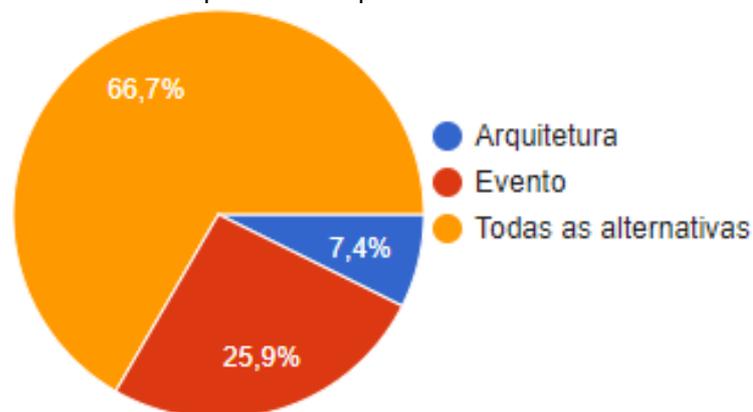
Ao compararmos os Gráficos anteriores, fica claro identificar que mesmo por 72,7% dos entrevistados considerarem arquitetura como a arte e a técnica de organizar os espaços para abrigar os diversos tipos das atividades humanas, apenas 59,3% afirmaram que projetar um show é arquitetura, apenas 57,4 % afirmaram que projetar um cenário ou programa de TV é função de um arquiteto. Concretizamos essa divergência no Gráfico 3 que 90,9% dos entrevistados consideram os itens, decorar, projetar, organizar, planejar como função do arquiteto. Mas já no Gráfico 4, 25,9% consideram um parque infantil no shopping como um evento e não conceituam como um tipo de arquitetura.

Gráfico 3 – Para você, qual a função de um arquiteto?



Fonte: AUTOR, 2019

Gráfico 4 – Você considera um parque infantil no shopping com duração de 30 dias um tipo de arquitetura ou apenas um evento?



Fonte: AUTOR, 2019

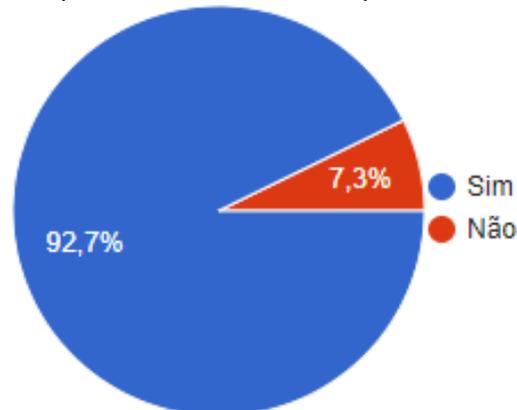
Os parques infantis no shopping mesmo que por um curto espaço de tempo de 30 dias, decorrem por várias etapas até iniciarem as suas atividades. Algumas dessas etapas são: projeto que inclui ergonomia, acessibilidade, conforto, segurança, design, escolha dos materiais de fácil montagem e desmontagem e aprovações legais. Para todas essas etapas é indispensável a participação de um profissional adequado como o arquiteto.

Existem algumas hipóteses estabelecidas pela sociedade acerca desse tipo de arquitetura menos duradoura. Alguma das hipóteses está relacionada ao tempo de duração e ao tipo de material empregado a cada construção. Muitas vezes o cliente não acha interessante investir em um projeto de arquitetura para um evento que terá um prazo de apenas 30 dias. Esquecendo ou não sabendo que a função do arquiteto vai além de um simples projeto de arquitetura.

Outro ponto analisado no questionário foi a definição de arquitetura efêmera referente a um tipo de material. O gráfico 5 mostra que 92,7% dos entrevistados

indicaram que independentemente do tipo de material utilizado na edificação, ela pode ser considerada arquitetura. E 7,3% afirmam que para ser considerada arquitetura, essas edificações precisam ser construídas de materiais mais robustos e duradouros.

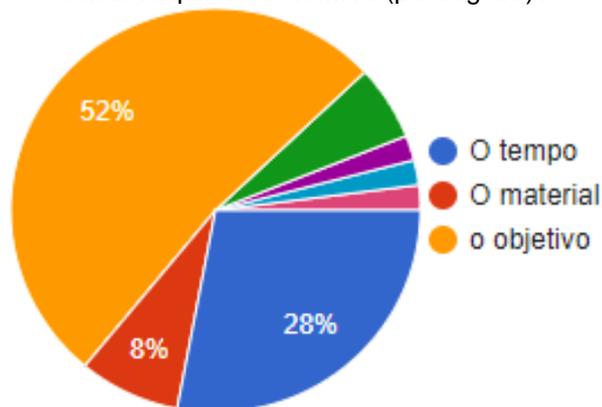
Gráfico 5 – Uma edificação de material menos duradouro, como papelão ou chapas de compensado, pode ser considerada Arquitetura?



Fonte: AUTOR, 2019

No gráfico 6 52% dos entrevistados consideram que o objetivo é o critério mais relevante ao se definir arquitetura como sendo efêmera, 28% considera o tempo ideal para essa definição, e apenas 8% consideram o material mais importante. Uma das entrevistadas optou pela opção do objetivo e ressaltou que com o objetivo pré-determinado, pode-se prever o tempo e o tipo de material que deverá ser utilizado nesse tipo de construção.

Gráfico 6 – Que parâmetro, abaixo descrito, você acha mais importante para definir uma obra como sendo Arquitetura efêmera (passageira)?



Fonte: AUTOR, 2019.

Durante as pesquisas para fundamentação teórica do trabalho, foi analisado que são poucas as empresas que dispõe de arquitetos contratados para executar

esses tipos de serviço. Normalmente os projetos já são enviados prontos para a execução ou os clientes explicam como necessitam, e a empresa executa sem nenhum estudo preliminar ou projeto.

Para o melhor aprofundamento do trabalho foi entrevistada a empresa de Cenografia e Eventos, com sua sede localizada na Região Metropolitana do Recife. A arquiteta contratada pela empresa, que preferiu não ser identificada, afirma que com o mercado de eventos crescendo no Brasil, conseqüentemente aumentam-se os números de empresas especializadas nesse ramo construtivo. Com esse aumento na quantidade das empresas ocorre automaticamente a disputa pelo cliente. E devido a essa concorrência acelerada existem muitos pontos importantes sendo negociados em prol do fechamento do projeto. Um desses pontos é o baixo custo que é cobrado para a elaboração do projeto ou até mesmo a isenção do mesmo em troca do fechamento da execução e venda dos materiais.

Segundo a arquiteta o mercado deste ramo está prostituído em virtude da desvalorização das empresas enquanto ao valor do projeto. Como o projeto é algo imaterial, e falando de arquitetura efêmera é algo passageiro, aproveitando esse aumento da concorrência, os clientes se acostumaram a não mais pagar e dar a importância devida ao projeto, e sim recebê-lo como uma bonificação diante o fechamento do contrato da construção do projeto. E essa desvalorização vai desde as grandes empresas multinacionais até as empresas de pequeno e médio porte.

Em outros tipos de projetos como, arquitetura de interiores, residencial, reforma, hidráulico, elétrico ou qualquer outro projeto de arquitetura, normalmente o arquiteto projetista elabora um contrato para iniciar o projeto de acordo com os desejos do cliente. Acrescentando cláusulas de custo de alteração, prazo de entrega e formas de pagamento.

Uma estagiária de arquitetura que preferiu não ser identificada, alegou que como os projetos das construções efêmeras não são cobrados, apenas a execução e materiais do projeto, eles são elaborados para o cliente sem nenhum compromisso, e ele só aprova e assina o contrato após visualizar todo o projeto. Ou seja, por não haver nenhum instrumento legal que proteja os direitos da empresa, os clientes podem solicitar alteração do projeto constantemente, desistir do projeto a qualquer hora, podem achar caro e não se interessarem por comprar ou até mesmo, aproveitar as ideias e propostas pensadas pelo arquiteto e solicitar algo parecido a uma empresa concorrente, que tem um preço mais baixo.

Emanuela Leite cliente desse tipo de serviço e diretora da empresa Art & Montagem com sede localizada na cidade do Recife, constantemente participa de exposições nacionais e internacionais pela empresa, e seu principal objetivo nas feiras é vender produtos e principalmente consolidar sua marca no mercado. Ela afirmou que considera esse tipo de serviço como um tipo de arquitetura e admite que é muito importante a atuação do arquiteto nesse ramo, mas ela não pagaria um para elaborar seus projetos, pois acha inviável devido ao curto prazo dos eventos.

Ela comentou que, outro motivo pelo qual ela não pagaria para um arquiteto para elaborar seu projeto, seria porque, quando ela contrata as empresas para fazerem seus estandes, os projetos são disponibilizados previamente sem nenhum custo adicional.

Os resultados das pesquisas apontam que muitos dos entrevistados sabem a importância do arquiteto para elaboração de projetos de caráter efêmero, mas não pagariam por esse tipo de serviço devido ao curto espaço de tempo que essa construção existirá. Com base nessa não valorização da arquitetura pela sociedade como um todo, as empresas no ramo de eventos e cenografia, ao captarem o cliente, tentam imediatamente expor a informação que a empresa tem como diferencial a execução do projeto de arquitetura e que o mesmo será executado gratuitamente, como uma forma de bonificação para tentar vencer a concorrência e garantir o fechamento da proposta. Não sabendo o cliente que o valor será cobrado integralmente, mas de uma forma diluída em outros custos.

Ou seja, pode-se dizer que o cliente paga pelo serviço, a empresa consequentemente recebe o valor, e o projeto de arquitetura sai desvalorizado nesse comércio. Em umas das entrevistas com clientes desse tipo de serviço, a entrevistada expõe que acha importante um arquiteto para executar projetos de estande promocional, mas não pagaria por isso, pois as empresas não cobram o valor do projeto e para ela seria mais econômico pagar pelo serviço e ganhar o projeto.

O mercado de eventos está crescendo no Brasil e junto com ele o ramo da arquitetura. Criar edificações destinadas a eventos que sejam funcionais, transportáveis, facilmente executáveis e desmontáveis, que permitam múltiplas soluções e que se adaptem aos novos espaços é um desafio para o arquiteto. Mesmo com o crescimento atual desse nicho, ela não é uma prática nova, ou muito menos sem experiência. Podemos enxergar uma vasta opção de materiais e tecnologias que

quando aplicadas por profissionais específicos, pode-se obter resultados incríveis nos projetos.

## 5. CONCLUSÕES

Conforme afirmado anteriormente, citando Colin (2000 apud CASTELNOU, 2014, p. 5) A arquitetura é a arte de organizar os espaços para qualquer atividade humana, é muito difícil definir a área da arquitetura, ou a atuação do arquiteto, elas são muito amplas, podendo englobar desde o projeto de um estande ao planejamento de uma cidade. Segundo Carnide (2012) existem obras mais efêmeras do que outras, o que as distingue é que as mais efêmeras possuem um tempo de vida pré-determinado. Através dessa definição pode-se afirmar que toda arquitetura no seu fim é efêmera.

Podem existir parâmetros para definir uma arquitetura como sendo efêmera ou não. Na pesquisa adotamos o tempo de durabilidade da construção, objetivo da construção e tipos de materiais utilizados para a construção, contudo, não se obteve uma certeza absoluta com nenhum dos parâmetros selecionados, pois eles são dependentes um do outro e bastantes relativos. Do mesmo modo, não foi possível obter critérios ideais para a caracterização da arquitetura efêmera.

O critério definidor da Arquitetura efêmera não é a durabilidade potencial do objeto construído, mas sua durabilidade real [...] A temporariedade do objeto arquitetônico é definida quando ele é destruído pelo homem, quando se destrói por processos naturais ou quando ele é retirado do local, ou seja, ou ele é provisório ou é nômade (PAZ, 2008).

Com base nas entrevistas e questionários realizados constatou-se que muitos dos entrevistados externam a importância do projeto e da contratação do arquiteto para a execução de construções de caráter passageiro, mas grande parte deles não consideram essas construções como uma arquitetura. Observando assim, que essa não valorização se inicia a partir da segregação dos conceitos de arquitetura, uma com o caráter mais duradouro e a outra de curta duração, a qual passa a não ser reconhecida como arquitetura e por tanto não merece remuneração. Conclui-se que se faz necessária uma melhor divulgação sobre o trabalho do arquiteto nesse novo setor de eventos e, inclusive, em nosso próprio setor da construção e seus agentes.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, G. L. A. **O projeto de arquitetura de espaços temporários com o uso de sistema construtivo remontável**: um estudo exploratório. UFRN: Natal, 2013 Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/12314>. Acesso em: 2019.

ALVES, P. **A história da torre eiffel**. il. color. 2014. Disponível em: <https://guiadoestrangeiro.com/a-historia-da-torre-eiffel/>>. Acesso em: 13 mar. 2019

AMINO. **Egito Antigo**. il. color. 2018. Disponível em: [https://aminoapps.com/c/ciencias-geografia-hist/page/blog/egito-antigo/5pkX\\_1DcVuL2YG0VpGzZIRopKDWZYq20pW](https://aminoapps.com/c/ciencias-geografia-hist/page/blog/egito-antigo/5pkX_1DcVuL2YG0VpGzZIRopKDWZYq20pW)>. Acesso em: 25 jan. 2019.

AVANTE. Inauguração da Torre Eiffel. il. color. 2016. Disponível em: <http://www.avante.pt/pt/2208/memoria/139597/31-de-Mar%C3%A7o-1889%3Cbr%3E%E2%80%93Inaugura%C3%A7%C3%A3o-da-Torre-Eiffel.htm?tpl=18> >. Acesso em: 13 mar. 2019

CARNIDE, S. J. F. **Arquitetura expositivas efêmeras**: Pavilhão temporário em Roma. Universidade Técnica de Lisboa / Instituto Superior Técnico. Lisboa, 2012.

CASA ABRIL. **Conheça o trabalho de Shigeru Ban, vencedor do Pritzker 2014**. 2017. il. color. Disponível em: <https://casa.abril.com.br/profissionais/conheca-o-trabalho-de-shigeru-ban-vencedor-do-pritzker-2014/>. Acesso em: 2019.

CASTELNOU, A. **Fundamentos da arquitetura**. UFPR. Curitiba, 2014.

CLASF. **Truck Food Food Truck Trailer Em Curitiba** . c2018. il. color. Disponível em: <https://www.clasf.com.br/truck-food-food-truck-trailer-em-curitiba-7739137/>. Acesso em: 2019

COELHO, F. L. F.; FALCÃO, E. B. M. **Ensino de ciências e representação social de morte humana**. Rio de Janeiro: UFRJ, [entre 2004 e 2018].

COSTA, V. M. B. **Efemeridade na Arquitetura**: a alternância de significado dos espaços públicos do centro paulistano na “Virada Cultural”. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2015.

CURTA MAIS. **Confira a programação completa do Rock In Rio 2017**. 2017. il. color. Disponível em: <http://www.curtamais.com.br/rio-de-janeiro/confira-a-programacao-completa-do-rock-in-rio-2017>. Acesso em: 2019.

DIAS, K. **Moderno e confortável Plaenge inaugura novo estande de vendas**. Plaenge 2016. il. color. Disponível em:

<http://blog.plaenge.com.br/29/03/2016/moderno-e-confortavel-plaenge-inaugura-novo-estande-de-vendas/>. Acesso em: 2019.

EMPRESA LED 10. **Stand de Venda de Imóveis**. 2016. il. color. Disponível em: <http://www.led10.com.br/stand-de-venda-de-imoveis-por-que-um-painel-de-led-pode-aumentar-as-vendas>. Acesso em: 2019

FRACALOSSI, I. **Clássicos da Arquitetura: Pavilhão de Nova York 1939 / Lucio Costa e Oscar Niemeyer**. 2014. il. color. [https://www.archdaily.com.br/br/615845/classicos-da-arquitetura-pavilhao-de-nova-york-1939-lucio-costa-e-oscar-niemeyer?ad\\_medium=gallery](https://www.archdaily.com.br/br/615845/classicos-da-arquitetura-pavilhao-de-nova-york-1939-lucio-costa-e-oscar-niemeyer?ad_medium=gallery). Acesso em: 2019

FREITAS, L. S. **Vida útil ótima de projeto de edificações considerando consumo energético de construção e operação, sob a ótica do ecodesign**. UFPR. Curitiba, 2017.

GALERIA DA ARQUITETURA. Street - stand de vendas. c2018. il. color. Disponível em: [https://www.galeriadaarquitetura.com.br/projeto/studio-scatena-arquitetura\\_/street-stand-de-vendas/1949](https://www.galeriadaarquitetura.com.br/projeto/studio-scatena-arquitetura_/street-stand-de-vendas/1949). Acesso em: 2019

GUIA DAS ARTES. **Museu da ordem terceira de são francisco da penitência**. c2015. il. color. Disponível em: <https://www.guiadasartes.com.br/rio-de-janeiro/rio-de-janeiro/museu-da-ordem-terceira-de-sao-francisco-da-penitencia>. Acesso em: 2019.

LK2 CONSTRUTORA. **Empreendimento Even Duo Pinheiros**. c2018. il. color. Disponível em: <http://www.lk2.com.br/site/portfolio/?id=9>. Acesso em: 2019

MAPA DE LONDRES. **O que foi o Palácio de Cristal em Londres**. il. color. 2017. Disponível em: <https://mapadelondres.org/palacio-de-cristal-em-londres/>. Acesso em: 20 jan. 2019.

MARQUINE, E.; MACEDO, A. C. **Arquitetura dos Estandes Imobiliários: um estudo de tipos**. *Revista Projetar*. v. 1, n. 2, ago. 2016.

MATIAS, S. R.; FORT MIR, J. M. **Arquitectura, art i espai efímer**. Edicions UPC. Barcelona, 1999.

MERIN, G. **Revelados os planos de reconstrução do Palácio de Cristal em Londres**. il. color. 2013. Disponível em: [https://www.archdaily.com.br/br/01-148083/revelados-os-planos-de-reconstrucao-do-palacio-de-cristal-em-londres?ad\\_medium=gallery](https://www.archdaily.com.br/br/01-148083/revelados-os-planos-de-reconstrucao-do-palacio-de-cristal-em-londres?ad_medium=gallery). Acesso em: 20 jan. 2019.

MIRANDA, B. **A arena que será convertida em escolas**. 2017. il. color. Disponível em: <https://www.arcoweb.com.br/finestra/arquitetura/especial-rio-2016-arena-convertida-escolas>. Acesso em: 2019.

MONASTERIO, C. M. T. C. **O processo de projeto da arquitetura efêmera vinculada a feiras comerciais.** Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2006.

MONDIAL MODULARES. **Stand de Vendas.** 2017. il. color. Disponível em: <http://mondialmodulares.com.br/portfolios/stand-de-vendas/>. Acesso em: 2019

MOTOMURA, M. **Como foram erguidas as pirâmides do Egito?**. il. color. 2011. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-foram-erguidas-as-piramides-do-egito/>. Acesso em: 13 mar. 2019.

NOTICIAS ADVENTISTAS. **Teólogo explica relação entre Islã, esquerdas e profecias bíblicas.** il. color. 2016. Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/biblia/teologo-explica-relacao-entre-isla-e-profecias-biblicas/>. Acesso em: 13 mar. 2019.

O GLOBO. **Rock in Rio 2017: Conheça a nova Cidade do Rock.** 2017. il. color. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/musica/rock-in-rio-2017-conheca-nova-cidade-do-rock-21171119>. Acesso em: 2019.

PINTEREST. **Ideas y obras célebres del arquitecto brasileño Oscar Niemeyer.** il. color. 2015. Disponível em: <https://www.pinterest.at/pin/804385183414829955/>. Acesso em: 08 mar. 2019.

POUSADA CASTELINHO. **Atividades restaurantes.** il. color. c2018. Disponível em: <http://www.pousadacastelinhocanoa.com/por/144-Restaurantes.html>. Acesso em: 02 fev. 2019.

PROJECTOS STADS. **Portifólio.** c2018. il. color. Disponível em: <http://projectoseventos.com.br/portfolio.html>. Acesso em: 2019.

ROCK IN RIO. **Confira o mapa 3d da nova cidade do rock.** 2017. il. color. Disponível em: <http://rockinrio.com/rio/pt-PT/novidades/falta-um-mes-para-o-rock-in-rio-2017-confira-o-mapa-3d-da-nova-cidade-do-rock>. Acesso em: 2019.

RODRIGUES, P. E. **Nomadismo.** il. color. c2019. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/nomadismo/>. Acesso em: 15 fev. 2019.

ROSENFELD, K. **Prêmio Pritzker 2014: Novas fotos da Catedral de Papelão de Shigeru Ban na Nova Zelândia.** 2014. Disponível em: [https://www.archdaily.com.br/br/01-144107/premio-pritzker-2014-novas-fotos-da-catedral-de-papelao-de-shigeru-ban-na-nova-zelandia?ad\\_medium=gallery](https://www.archdaily.com.br/br/01-144107/premio-pritzker-2014-novas-fotos-da-catedral-de-papelao-de-shigeru-ban-na-nova-zelandia?ad_medium=gallery). Acesso em: 25 nov. 2018.

SALVADORI, M. **Por que os edifícios ficam em pé: a força da arquitetura.** 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

STUDIO DIAS. **Quiosques Unicorner**. c2018. il. color. Disponível em: <https://studiodias.com.br/quiosques-para-shopping/quiosques-para-shopping-unicorner>. Acesso em: 2019

VICTÓRIO. **Stands para feiras e eventos**. c2018. il. color. Disponível em: <https://www.victorioeventos.com.br/stands-feiras-e-eventos>. Acesso em: 2019

VITRUVIUS, P. **Tratado de arquitetura**. São Paulo: Martins, 2007.

VIVADecora PRO. **Castelos Medievais na Europa**. 2018. il. color. Disponível em: <https://www.vivadecora.com.br/pro/arquitetura/castelos-medievais/>. Acesso em: 2019

VIVADecora PRO. **O que é Retail Design**. 2019. il. color. Disponível em: <https://www.vivadecora.com.br/pro/arquitetura/arquitetura-promocional/>. Acesso em: 2019

WILLIAMS, F. **Em Bambuí: Caminhão da Mamografia**. 2018. il. color. Disponível em: <http://bambuinews.com.br/noticias-bambui/em-bambui-caminhao-da-mamografia>. Acesso em: 2019

ZDB. **Estruturas - Tendões e Pórticos**. c2018. il. color. Disponível em: <http://www.zdb.com.br/site/cliente/detalhes/id/2>. Acesso em: 2019.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ARQUITETURA EFÊMERA

Profissão / nome completo

O que melhor define a arquitetura para você?

- Arte e técnica de organizar espaços e criar ambientes para abrigar os diversos tipos de atividades humanas.
- Arte e técnica de decorar os espaços tornando-os mais agradáveis aos humanos.
- É a aplicação da técnica de construção de maneira econômica para as necessidades humanas.
- É a aplicação da técnica de construção de edificações para o uso da atividade humana.
- Outro:

Você acha necessário um arquiteto para projetar um show, exposição, casamentos ou outros eventos de curta duração? Porque?

O que você considera arquitetura?

- Projetar uma Residência
- Projetar um Hospital
- Projetar um Parque
- Projetar uma Feira Livre
- Projetar um Supermercado
- Projetar um Show
- Projetar Templos e Igrejas
- Projetar um Estádio de Futebol
- Projetar uma Exposição de Arte
- Projetar um Stand de Shopping
- Projetar um Cenário de novela ou programa de tv

Para você qual a função de um arquiteto?

- Decorar
- Projetar
- Organizar
- Planejar
- Todas as Respostas

Você considera o espaço planejado para uma exposição (Casa Cor, RioMar Casa) um tipo de arquitetura ou apenas um evento?

- Arquitetura
- Evento
- Todas as alternativas

Você considera um espaço organizado para um show como um tipo de arquitetura ou apenas um evento?

- Arquitetura
- Evento
- Todas as alternativas
- Outro:

Você considera um parque infantil no shopping com duração de 30 dias um tipo de arquitetura ou apenas um evento?

- Arquitetura
- Evento
- Todas as alternativas

Uma edificação de material menos duradouro, como papelão ou chapas de compensado, pode ser considerada Arquitetura?

- Sim
- Não

Uma edificação feita para durar apenas 30 dias pode ser considerada Arquitetura?

- Sim
- Não

Que parâmetro, abaixo descrito, você acha mais importante para definir uma obra como sendo Arquitetura efêmera (passageira)?

- O tempo
- O material
- O objetivo

## APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PROFISSIONAIS

Nome/Profissão/Empresa

O que é arquitetura para você?

Quais opções você NÃO considera como um trabalho para arquitetos? (Pode marcar mais de uma).

- Projetar uma Residencia
- Projetar um Hospital
- Projetar um Show
- Projetar um Supermercado
- Projetar uma Feira livre
- Projetar Templos e Igrejas
- Projetar Eventos (casamentos, exposições, cenários diversos)
- Projetar um Parque

Você considera um espaço planejado para uma exposição ( Casa Cor, RioMar casa) um tipo de arquitetura ou apenas um evento?

- Arquitetura
- Evento
- Todas as alternativas

Você considera um espaço planejado para um show como um tipo de arquitetura ou apenas um evento?

- Arquitetura
- Evento
- Todas as alternativas

Você considera um parque infantil no shopping com duração de 30 dias um tipo de arquitetura ou apenas um evento?

- Arquitetura
- Evento
- Todas as alternativas

Uma edificação de material menos duradouro, como papelão ou chapas de compensado, pode ser considerada Arquitetura?

- Sim
- Não

Uma edificação feita para durar apenas 30 dias pode ser considerada Arquitetura?

- Sim
- Não

Que parâmetro, abaixo descrito, você acha mais importante para definir uma obra como sendo Arquitetura efêmera (passageira)?

- Tempo de duração previsto para a edificação
- Materiais utilizados para a execução da edificação.
- Técnicas usadas para a execução da edificação.
- Objetivo ou função previstos para o uso da edificação.
- Todas as opções
- Outro:

Você considera o projeto de uma arquitetura efêmera (passageira) desvalorizado pelos arquitetos? Porque?

Você considera o projeto de uma arquitetura efêmera desvalorizado pelos clientes? Porque?

Quais são os materiais utilizados para a execução dos projetos de seu estande?

Depois da execução do projeto, o que foi produzido é alugado ou comprado?

- Alugado
- Comprado
- Outro:

Depois do desmonte, o material é reutilizado?

- Sim
- Não
- Outro:

Você considera o projeto de Arquitetura para uma exposição um investimento? Ou um gasto desnecessário?

Você pagaria por um projeto de um estande um valor equivalente a 15% do seu faturamento em uma feira expositiva?

Você paga para alguma empresa elaborar o projeto de seu estande? Ou apenas para executar?

Na sua opinião o que poderia ser feito para os clientes valorizarem mais esse tipo de arquitetura?